Maria Dulcídia Ferreira (a pessoa) ou Dulcí Ferreira (a escritora)

Maria Dulcídia de Almeida Pereira Ferreira ou Dulcí Ferreira, como é mais conhecida entre familiares e amigos, nasceu a 1 de Maio de 1963, na freguesia de São Joaninho, concelho de Castro Daire, distrito de Viseu.

Oriunda de uma família simples, da qual constam seis irmãos (cinco vivos), considera ter nascido em “berço de ouro”, pois o único “berço de ouro” que realmente reconhece é aquele que seus pais lhe legaram… o de uma boa educação, com princípios e valores que hoje se estão perdendo na sociedade moderna.

A mãe, Laura de Almeida, era um exemplo de vida, como pessoa, como mulher. Exerceu durante muitos e dolorosos anos a atividade de parteira da terra, segurando nas mãos várias gerações (havia quem tivesse dez e doze filhos), e nenhuma parturiente ou nado perecera nas suas intervenções. E tudo fazia gratuitamente, não esperando de ninguém qualquer recompensa, a não ser o respeito e o reconhecimento pela sua dádiva. Deu de si tudo quanto pôde, sacrificando a própria família, pois que, durante o primeiro mês de parto, nenhuma mãe, sequer dava banho ao filho, fosse inverno ou verão. Era ela que cuidava dos dois, para que tudo corresse bem e não houvesse qualquer problema. Sacrificara, por vezes, a própria família, levando para casa pilhas de roupa, algumas vezes, sujíssima, para as filhas mais velhas lavarem no tanque da aldeia, até ao sangrar das mãos. Havia familiares de parturientes que nessas alturas colocavam nos cestos tudo o que houvesse para lavar em casa: cobertores e mantas, roupas pesadas e encardidas, abusando da simplicidade e boa vontade de quem tudo fazia por amor. Naturalmente que as filhas se revoltavam com os abusos daquela gente, mas a mãe pedia-lhes

que tivessem paciência e oferecessem os sacrifícios a Deus em Ação de Graças pelo dom da própria vida e por serem uma família unida.

O pai, João Pereira, o mais maravilhoso, o melhor dos pais, exercera várias profissões. Começara a trabalhar muito novo (ainda criança, na exploração de minério), nas obras e na construção de estradas, mas fora também calceteiro na cidade de Viseu onde vivera alguns anos, regressando a casa apenas aos fins-de-semana. Tinha com Dulcí uma relação mais próxima que com qualquer outro filho, embora os amasse de igual forma. E era com ela que desabafava dores e mágoas e era com ele que Dulcí partilhava os seus segredos mais recônditos, até nas questões que diziam respeito aos namorados. João sacrificara-se muito para dar um futuro aos filhos. Só a irmã mais velha se ficou pela quarta classe.

Dulcí crescia presenciando e suportando os sacrifícios da mãe e das irmãs e já se dava conta das injustiças alheias e isso não lhe agradava nada, causando-lhe, mesmo, uma certa instabilidade emocional… um 'estado de nervos' que a levavam a ser 'respondona' e, por vezes, até agressiva com algumas pessoas de sua convivência no quotidiano, caso aquelas a provocassem de alguma forma. Rebeldia? Irreverência?

Uma de suas primeiras memórias remonta ao ano de 1967, aquando do nascimento da irmã mais nova. Tinha apenas quatro anos e já nessa altura não gostou que lhe dessem ordens. Quando chegou a hora da mãe dar à luz, foi-lhe, literalmente, ordenado que saísse de casa e fosse brincar para debaixo da varanda. E ela foi, mas contrariada. Ainda hoje recorda os gritos abafados que lhe chegavam do piso superior, sem poder intervir. Uma interminável agonia.

A sua relação com os livros começou, exatamente, na escola primária, logo que aprendeu a juntar as primeiras letras. E lia tudo o que encontrasse, desde os constituintes de um pacote de arroz ou massa ou de uma lata de conservas, a pequenos pedaços de um periódico qualquer que o tio Aníbal Capador comprasse na vila e posteriormente jogasse fora quando regressava a casa montado no seu cavalo. Se o homem sabia ler e escrever, Dulcí não sabia, mas que era uma figura peculiar, isso era. Talvez usasse as páginas dos jornais para embrulhar as chouriças e salpicões, tal como outros alimentos que consumia durante a sua jornada. Aníbal Capador era uma figura rara que, pela sua aparência misteriosa, assustava as crianças da aldeia. Uma referência única. O cavalo, o vinho e os cigarros eram os seus companheiros mais fiéis. Mas, Dulcí, não tinha medo dele… muito pelo contrário… Na sua imaginação, já Aníbal Capador enquadrava uma de suas personagens de ficção. Mais tarde, já no ciclo preparatório, na Escola João

Rodrigues Cabrilho, em Castro Daire, frequentava, com alguma assiduidade, a biblioteca da escola e a biblioteca Municipal. Logo depois, surgiram as bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian, onde requisitava livros nos mais variados registos, com destaque para os policiais de Agatha Christie e os de aventuras de Enid Blyton. Os únicos em que lhe custava pegar eram aqueles que tinha de estudar, mas, esses, não lhe abriam as portas para mundos mais aprazíveis, que lhe coubessem na palma da mão e lhe permitissem dar largas à imaginação e aos sonhos. Foi com *As Aventuras dos Cinco* que começou a almejar vir, um dia, a criar universos outros, nos quais se pudesse refugiar daquele em que nem sempre se compreendia. Os policiais vieram depois. E leu de tudo um pouco, desde os clássicos portugueses, como Eça e Camilo, aos estrangeiros, como Homero, Dante, Shakespeare ou Cervantes.

Dulcí Ferreira frequentou o liceu até ao 8º Ano de escolaridade, recusando-se, posteriormente, a continuar os estudos por não se enquadrar no sistema. Irreverente, sonhadora e algo vaidosa, leva o pai às lágrimas quando decide abandonar o liceu definitivamente. Reconhecendo-lhe as capacidades, o pai insistia para que continuasse e se dedicasse aos estudos. Mas havia coisas que ele não sabia… Não conseguiu esquecer algo que a perturbou bastante no 7º Ano, quando um dos seus professores chamou para junto de si um aluno e com alguma delicadeza o mandou sentar à secretária, mesmo ao seu lado. Era dia de prova oral. A cada resposta errada, o professor, ou desferia o 'ponteiro' na cabeça do aluno (magoando-o o suficiente para o deixar a lacrimejar) ou lhe pegava numa das mãos, e virando-a de costas, batia com ela na quina viva da secretária, cortando-lhe a circulação do sangue durante alguns segundos, o que provocava forte dor. Naturalmente que os alunos mais fracos na aprendizagem se apavoravam com a possibilidade de lhes acontecer algo idêntico. Como concentrar o raciocínio? O velho professor tentou fazer-lhe o mesmo, mas, na sua irreverência, não o permitiu e ele, furioso, marcou-a negativamente. No seu caso, não era medo o que sentia… Era revolta e uma enorme vontade de proteger os colegas e denunciar as injustiças. Mas… como e a quem? Era uma gotinha perdida num imenso oceano e quase não conhecia o mar… A revolução de Abril ainda 'fumegava' e havia 'vícios' e maneiras de agir e pensar que urgia mudar. Era uma nova etapa na vida das pessoas. Teriam de aprender a respeitar, a ser mais humanas. E aquele era apenas um apontamento sobre os muitos e errados comportamentos que poderia referenciar.

Outra das coisas que muito a revoltava era chegar da escola e ter ainda de pastorear o rebanho da família e o de alguns vizinhos, não lhe sobrando tempo para dedicar ao estudo. A revolta maior consistia em ter de guardar o gado dos pais dos colegas, que ficavam na moina ou a dedicar-se aos livros, enquanto ela ia para os montes guardar-lhes o gado… Ironia! Eles seguiam em frente nos estudos e ela não. Como queriam os pais que se aplicasse? Que tempo tinha para o fazer e porque a obrigavam a pastorear o rebanho dos pais dos colegas, quando os filhos deles o podiam fazer? Eram mais do que ela? Porque eram seus pais tão submissos, nunca dizendo não a ninguém? Não percebiam que sacrificavam e prejudicavam os seus próprios filhos para beneficiar os dos outros? Revolta… Muita revolta! Com certeza que não se orgulha do tempo que perdeu e das oportunidades que não aproveitou. Quando caiu na realidade, era um pouco tarde. Ainda esteve para mudar de escola e ir estudar para Viseu, mas pensou que estava na hora de dar uma lição a si própria, obrigando-se a trabalhar no duro.

Os livros… os seus companheiros de todas as horas. Através deles vivia as maiores aventuras, integrava guerras, redigia acordos de paz e dava asas aos sonhos. Tudo teria sido mais difícil e menos prazeroso sem eles. De vez em quando, rabiscava pequenos textos que rasgava de imediato com medo de ser incompreendida. Quantas vezes, absorvida pela leitura, deixava fugir o gado para o milho e para as videiras de outras pessoas e depois o pai tinha que pagar os prejuízos … que injustiça… e aquele dinheiro fazia tanta falta lá em casa para coisas mais vitais… Que raiva!… Que revolta!...

Entre os 16 e os 24 anos, foi catequista, chefe de grupo coral e orientadora do grupo de jovens da terra, com múltiplas atividades de foro social e religioso. Chegou a deslocar-se a aldeias vizinhas para cantar missas de casamentos e batizados. Ela e as irmãs, Alice e Mercedes, a pedido/convite do pároco da freguesia, Cónego António Clara Ângelo. Foi também aos dezasseis anos que começou a trabalhar numa serração de madeiras, pertencente à família do, então, namorado, hoje, marido, e de quem tem duas filhas: Mónica (Doutorada em Tecnologia Farmacêutica pela Universidade de Helsínquia – Finlândia) e Sara (no 3º Ano do Doutoramento em Neurociências pela Universidade de Aahrus - Dinamarca). Foi um tempo difícil e custou-lhe muito adaptar-se, mas, pior ainda, a receber ordens. Casou com 24 anos e ali continuou a trabalhar até ao nascimento da segunda filha.

Sentindo necessidade de emancipação, em 1994 criou, em parceria com a madrinha da filha mais nova, uma senhora espanhola de nome Eufémia Velasco Leon, a própria empresa no ramo dos Materiais de

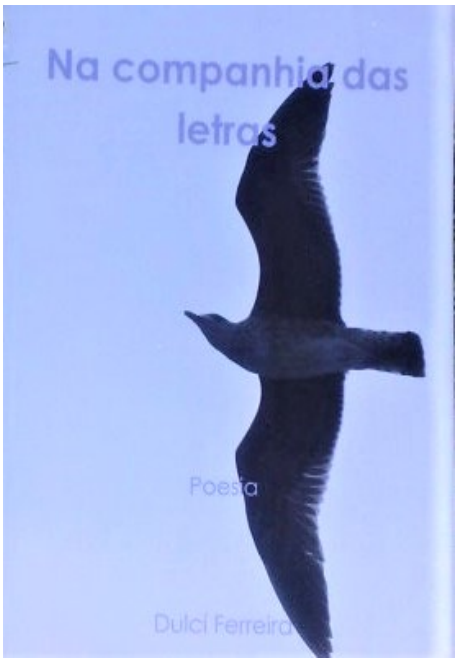
Construção, virada, sobretudo, para materiais de acabamento e decoração. Esta parceria durou quatro anos. Com a morte repentina do marido daquela, a sociedade foi desfeita e Dulcí assumiu sozinha o comando da empresa, realizando todo o tipo de tarefas, que iam desde a compra e venda dos materiais, faturação, logística, visita às obras, reuniões com empreiteiros, arquitetos, engenheiros, visitas às feiras nacionais e internacionais, etc. Foi difícil integrar-se e ser aceite num ramo de atividade, naquele tempo praticamente do foro masculino, obrigando-se a criar um 'escudo' protetor e a adotar uma postura peculiar, de forma a proteger a sua integridade física e psicológica. Apesar dos inúmeros obstáculos, venceu, com garra e coragem, nunca desistindo. Geriu a empresa com grande sucesso até meados de 2008, altura em que a crise se acentuou, no país e no mundo, afetando todos os setores da economia, mas de modo particular e mais profundamente o da Construção Civil. Para não falir, decidiu fechar a empresa por um tempo, até que as coisas melhorassem. Nesse mesmo ano, e sob influência da filha mais velha, Mónica, inscreveu-se no Programa Novas Oportunidades. O objetivo era concluir o 9º Ano de escolaridade, decidindo, de igual modo, fazer o 12º Ano, através do processo de RVCC (Reconhecimento, validação e Certificação das Competências). Nesse entretanto, faz um curso básico de Inglês, um de Word e outro de Excel para melhor funcionar com as TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação), essenciais na realização de tarefas e na comunicação on-line. Por esta altura, via os seus trabalhos escolares serem encarados e criticados como "demasiado académicos" e colocadas em causa, as suas reais capacidades cognitivas. Foi com um trabalho considerado de "excelência", centrado na preservação e cuidados a ter com o meio ambiente, que defendeu a sua "tese", não se limitando a uma mera apresentação em PowerPoint. Escreveu um discurso, realizou um filme e declamou poesia… a sua poesia. Acreditou no Programa, levou-o a sério e reconheceu-lhe enorme valor e enriquecimento no aprendizado pessoal. Embrenhou-se na pesquisa e desenvolveu todos os temas, enquadrando-os com mestria na sua história de vida. Sentiu-se injustiçada e discordou dos créditos que lhe foram atribuídos. E reclamou. Perante uma plateia de semblantes algo surpresos, foi desafiada pelo próprio júri a continuar os estudos.

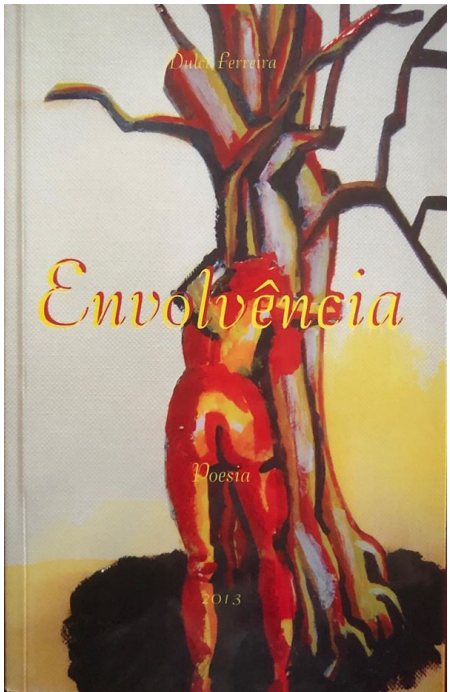
É de salientar que a poesia foi sempre uma constante na sua vida, escrevendo e jogando fora os seus escritos por medo de ser incompreendida. Durante o tempo em que frequentou o Programa Novas Oportunidades, participou em concursos de poesia, chegando a ser

destacada com primeiros prémios. Foi ainda dirigida em saraus poéticos pelo ator Pedro Lamares.

Apoiada por alguns professores do liceu, com os quais construiu uma relação de grande respeito e amizade, em 2010 inscreveu-se no primeiro CQES (Curso de Qualificação para o Ensino Superior) da Universidade Aberta, com a durabilidade de seis meses e que incluía um mês de Ambientação On-line.

Estudou três unidades curriculares: uma obrigatória (Português) e duas opcionais (Filosofia e História). Nunca tinha tido Filosofia nem abordado nada referente à disciplina. Não conhecia a linguagem científica, sentindo-se muitas vezes perdida ao tentar decifrar conceitos. Findo este, e com sucesso, questionou-se sobre o que fazer a seguir. Foi durante o Curso de Qualificação que conheceu o escritor António Almas, seu colega de curso, e que a convenceu a guardar os seus poemas e a publicar os próprios livros, ajudando-a a editar a sua primeira obra poética, intitulada ***Na Companhia Das Letras***, obra apresentada ao público em 26 de novembro de 2011, no então recentemente inaugurado Restaurante Rodízio Beirão, em Castro Daire. Nessa altura nem lhe passava pela cabeça a necessidade de ter alguém para fazer a apresentação da obra… Também não tinha conhecimento de que houvesse no concelho quem se dedicasse à escrita. E fez a festa… Uma grande festa, contando com familiares, amigos e conhecidos, na sua maioria das suas relações pessoais e profissionais e de seu marido. Neste evento, teve a presença do então vereador do pelouro da Cultura, Luís Lemos. Contou, ainda, com a presença dinamizadora de José Corveira e sua esposa, Estela Alves. É de referir que este casal, por quem sempre nutriu imenso carinho e grande respeito, a acompanhou e apoiou em várias apresentações que fez desta pequena obra poética, nomeadamente por terras de Trancoso, Cogula, Meda e Vila Franca das Naves, sempre com o apoio da Delegação do CLA de Meda (Centro Local de Aprendizagem) da Universidade Aberta e sua coordenadora, Dr.ª Manuela



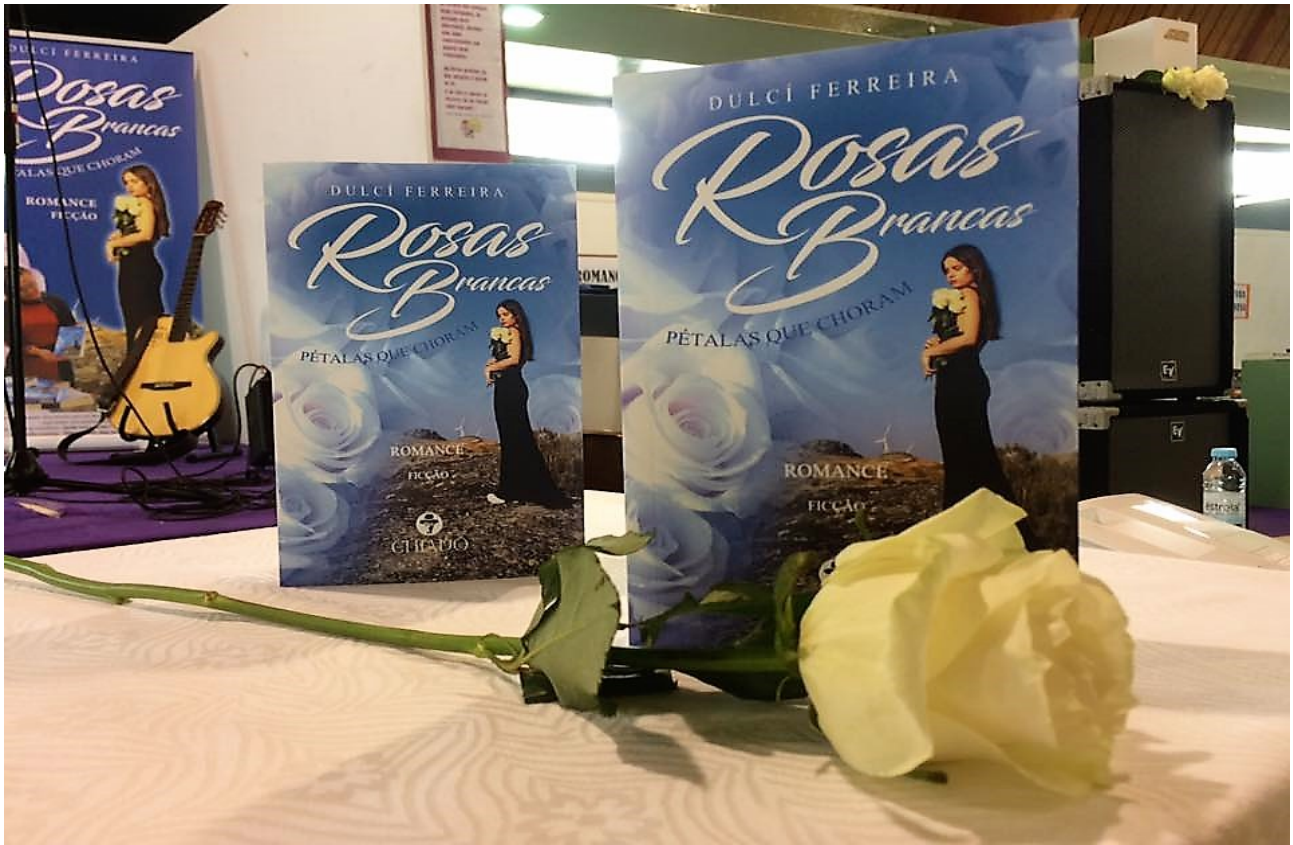


Oliveira, tal como de alguns colegas. Por todo esse carinho, desprendimento e disponibilidade é-lhes eternamente grata.

É também em setembro de 2011 que Dulcí Ferreira inicia a Licenciatura em Estudos Artísticos – Minor em Artes e Património, projeto que se propôs realizar nos três anos convencionais. Por esta altura dava início a uma nova construção literária, desta vez, na categoria Romance, e que seria uma nova experiência e mais um teste às suas capacidades intelectuais. Dois anos depois (abril de 2013) lançava, em edição de autor, a sua segunda obra poética, com o título ***Envolvência*****,** sem descurar a obra romanesca. É de salientar que esta obra não foi promovida, ficando apenas entre amigos e conhecidos, numa primeira edição de 300 exemplares.

https://www.youtube.com/watch?v=uUKN4pGO-hM&feature=youtu.be&fbclid=IwAR3GVYQu2YVb-MxmC7bW5L-ujAD1D-X3G3iZ8TFQSJhIKqb7Fb2lq7fSYCq

Tudo corria lindamente quando, em 22 de dezembro, do mesmo ano (2013), em antecipação às festividades natalícias, um balde de água fria cai sobre a sua cabeça, ao ser-lhe diagnosticado um carcinoma no colo do útero. Foi num quase silêncio que passou as festas de Natal e Ano Novo, sem que ninguém suspeitasse do seu real estado de espírito. A maratona de exames e biópsias começou logo no início de janeiro de 2014, a fim de se descobrir a gravidade da situação e se seria possível a histerectomia parcial ou total. O resultado das intervenções, da RM e da PET ditou um tumor de 8x4 cm, localizado, mas com metáteses para alguns gânglios e na virilha



direita, determinando a sua passagem pelo IPO de Coimbra, onde fez tratamentos de Quimioterapia, Radioterapia e Braquiterapia. Neste entretanto, e encarando com coragem a possibilidade de não sobreviver ao 'monstro', e não querendo morrer sem terminar o projeto académico, tomou como objetivo acabar a Licenciatura sem perder nenhum ano e concluir o romance que viria a intitular ***Rosas Brancas**,* tendo como desabafo da Alma, a Poesia, sua grande paixão.

E foi a dedicação à universidade e o amor pela escrita e pelo conhecimento, aliados a uma enorme vontade de viver, que a ajudaram a vencer a doença, não descurando a excelente equipa médica, o amor da família e dos amigos, tal como a fé e as orações e peregrinações de amigos, familiares e outras pessoas que nem sequer conhecia e que, pela sua recuperação, fizeram longas caminhadas às localidades onde se encontravam os santos de sua devoção. E ela nem sabia dessas peregrinações, tendo conhecimento muito mais tarde. Por tudo, a todos o seu enorme BEM-HAJA e eterna GRATIDÃO.

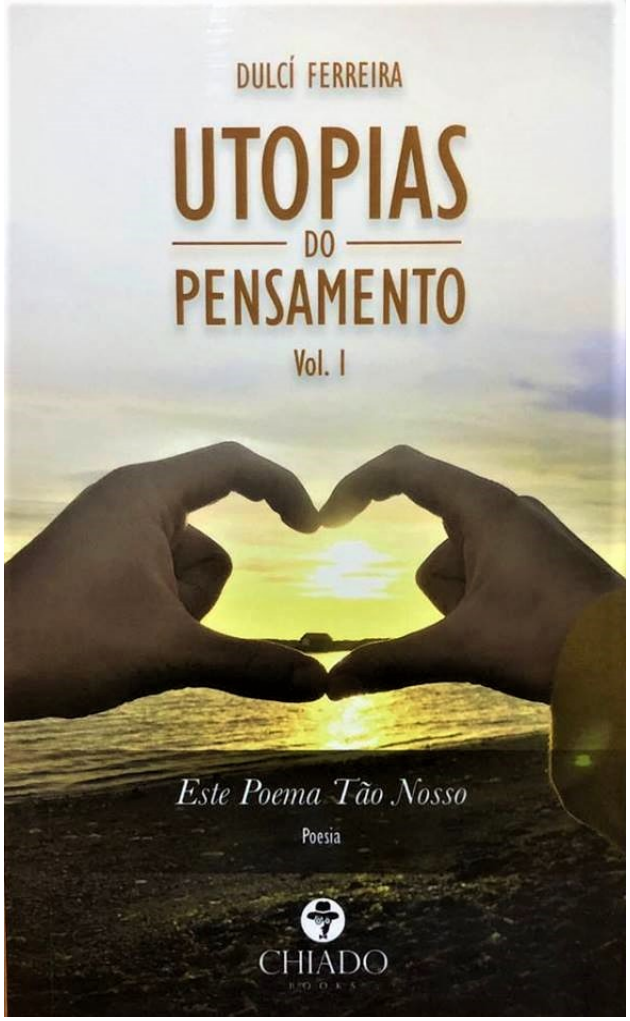
Agora Licenciada e, de certa forma, dedicada à escrita, decidiu não publicar novos trabalhos poéticos, enquanto não trouxesse ao conhecimento do público o seu romance ***Rosas Brancas*,** ele mesmo um poema, que faz as delícias de muitos leitores desde o dia 3 de dezembro de 2016, altura em que foi apresentado ao público, no Auditório Municipal da Cultura, em Castro Daire. Esta obra viajou pelo país, tendo sido apresentada em várias cidades: na Avenida da Liberdade, em Lisboa; na Avenida da Boavista, no Porto; na FNAC do Palácio do Gelo, em Viseu; na Casa do Paço, também conhecida por Museu do Espumante, em Dalvares, Tarouca.

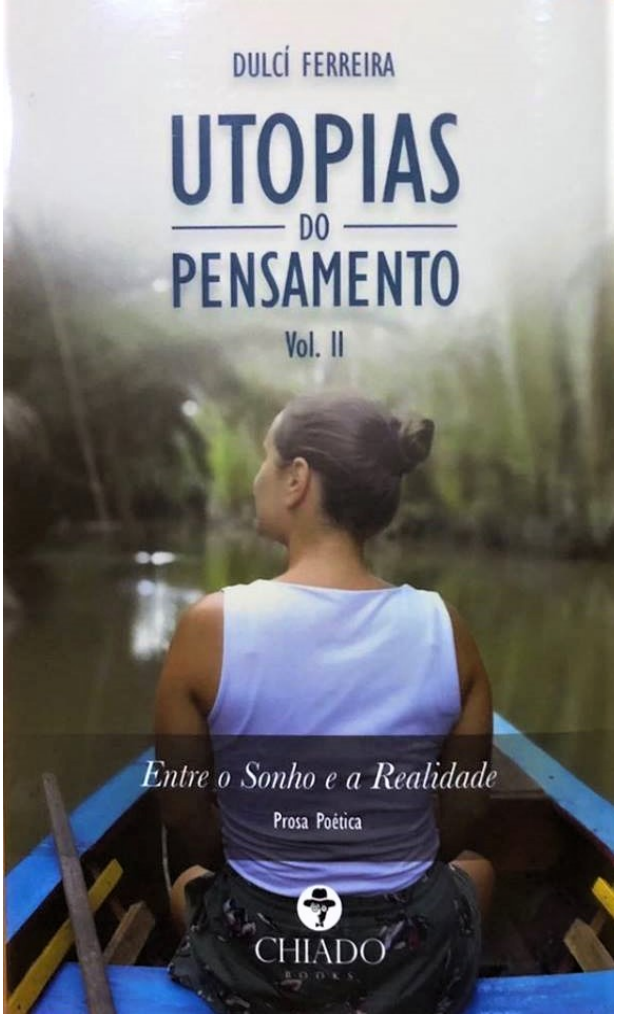
Com o apoio dos CLA (Centros Locais de Aprendizagem) da Universidade Aberta foi também apresentada: no Auditório da Biblioteca Municipal de Cantanhede; na Nave de Exposições do Mercado Municipal de Meda; na Biblioteca Municipal do Sabugal; no Auditório Municipal de Peso da Régua (AUDIR)

Dulcí Ferreira esteve, como convidada da Editora, pelo terceiro ano consecutivo, em sessões de autógrafos na Feira do Livro, no Parque Eduardo VII, em Lisboa (2017, 2018 e 2019) e na Feira do Livro do Porto, em 2019.

Rosas Brancas é uma obra extraordinária que saiu do prelo da Chiado Editora, um drama atual que aborda inúmeros assuntos com os quais qualquer leitor se pode identificar. Apesar de considerada uma obra de ficção nas múltiplas histórias que a constituem, os lugares onde decorre a ação são todos reais. As histórias projetam-se, não apenas a nível local, no caso, o concelho de Castro Daire e seu quotidiano, como a nível nacional, pelas cidades e lugares que aborda, extrapolando para o estrangeiro através dos temas Viagens e Emigração. Esta obra é também pedagógica pelos conhecimentos que encerra, pelas questões filosóficas que coloca, pelas reflexões que exige e pelos múltiplos temas que aborda.

Com vários projetos em curso, incluindo um documentário sobre as Bandas Filarmónicas existentes no concelho de Castro Daire (quatro na atualidade), em parceria com a escritora Celeste Almeida, Dulcí Ferreira lançou ao público, em 1 de dezembro de 2018, a Coletânea "***Utopias do Pensamento***" em dois volumes:



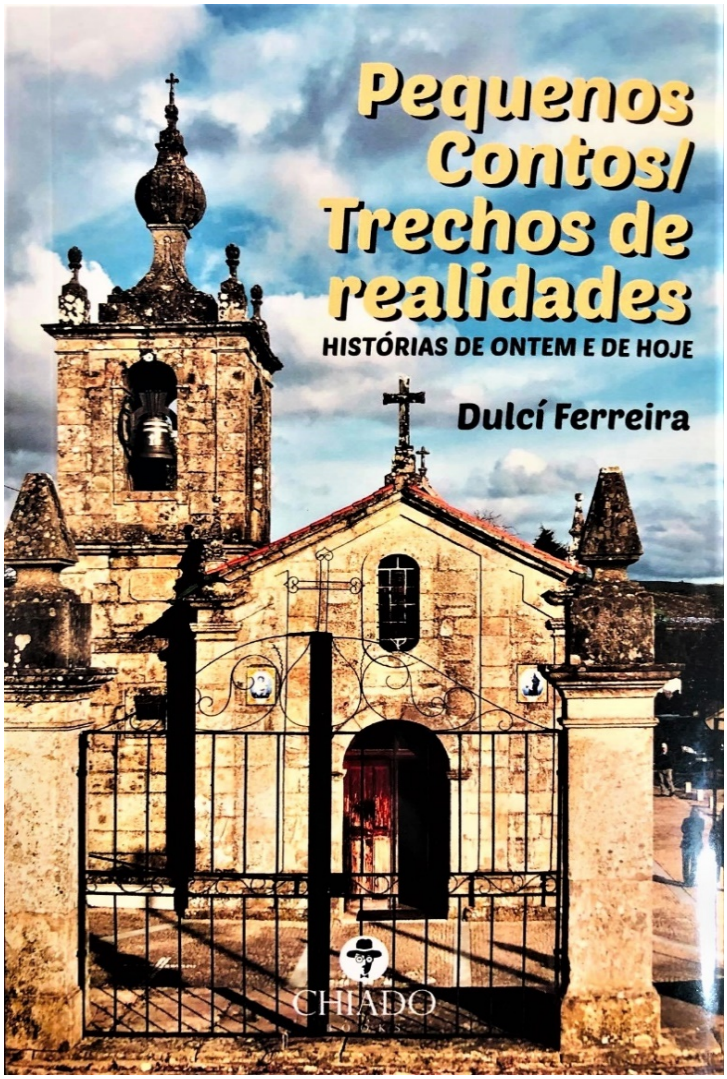


Vol. 1 ***- Este Poema Tão Nosso*** – Poesia;
Vol. 2 ***- Entre o Sonho e a Realidade*** – Prosa Poética.

É de salientar que embora numa abordagem intimista e, por vezes, com grande sensualidade, a poesia da autora reflete o meio que a rodeia: o espaço rural serrano, a envolvência entre o homem e a natureza, maneiras de ser e estar, a tradição, o amor. É também uma poesia de contestação e denúncia sobre o que pensa estar menos bem na sociedade atual.

Ainda em 2019 foi destacada com o 2º lugar no Concurso Literário Tributo a Ana de Castro Osório e que lhe valeu um prémio monetário no valor de 750€ (setecentos e cinquenta euros) patrocinados pela Patinter, SA.

Em Agosto de 2020, a autora traz ao público mais 2 obras:



Pequenos Contos – Trechos de Realidades

Histórias de Ontem e de Hoje – Contos

Um livro de Contos que para além de abordar temas atuais, também vai lá atrás esmiuçar algumas passagens da infância da autora e de seus familiares e, do mesmo modo, cenários da vida de pessoas conterrâneas através de realidades observadas, lendas contadas à lareira, mitos ou simplesmente curiosidades. Descrever momentos peculiares da sua meninice, adolescência e juventude foi uma forma de perpetuar memórias e tradições.

Inquietudes do meu pensar – Um livro de Pensamentos.

Pequenas reflexões que Dulcí Ferreira depreendeu valer a pena registar.

Na gaveta, ainda em construção, vários projetos:

Beijos Que Saciam – trabalho poético sobre as fontes existentes no concelho de Castro Daire;

Uma ***Coletânea de Contos infantojuvenis*** (a ilustrar);

Um ***novo romance*** e muita ***poesia***.

Dulcí Ferreira é também colaboradora do quinzenário Notícias de Castro Daire.

Foi homenageada como poetisa, pelo grupo Asas de Poesia, na Biblioteca Municipal Dr. José Vieira de Carvalho, na Maia, Porto, no dia 28 de maio de 2016.

Foi dirigida em Saraus Poéticos pelo ator Pedro Lamares.

É coautora em inúmeras antologias e coletâneas, entre as quais:

- *3ª Antologia do Poesia Fã Clube* - edição de Ricardo M. P. Teixeira;
- *Antologia Mar de Palavras* - Orquídea Edições;
- Antologia *Fusão de Sentires* – Pastelaria Stúdios Editora;
- *Poemário 2017 e 2018* – Pastelaria Stúdios Editora;
- *Deixa-me ser Poesia* - Pastelaria Stúdios Editora;
- *VI Antologia LLO - Oh, minha terra onde eu nasci* - Miká Penha Edições;
- *Coletânea Lugares e Palavras de Natal,* 2016 - Lugar da Palavra Editora;
- *Coletânea Amantes da Poesia, volume II,* Edições Modocromia;
- *Coletânea Livro Aberto* - Autor Publica;
- *Perdidamente - II Volume*, Antologia Poetas Lusófonos Contemporâneos - Pastelaria Stúdios Editora;
- *Coletânea Minha Mãe Meu Pai – Minha Filha Meu Filho* - Papel D´Arroz edições;
- *Antologia Poesia a Cores,* - Pastelaria Stúdios Editora*;*

- *VII Antologia LLO – Quando eu era pequenino* - Miká Penha Edições*;*
- *Coletânea Lugares e Palavras de Natal, 2017* – Lugar da Palavra Editora;
- *Antologia Bilingue Asas de Poesia* – Editorial Novembro*;*
- *Antologias " Mimos de Maio", "Mimos de Outubro", "Mimos de Novembro", "Mimos de Abril", "Mimos de Março"* - Mimos Livros Editora;
- *Antologia Pérolas de Poesia* – Miká Penha Edições;
- Coletânea *Amantes da Poesia, Vol. III, 2018* – Modocromia;
- *Perdidamente, Vol. III* – Pastelaria Stúdios Editora;
- Antologia *Poesia Escondida* – Pastelaria Stúdios Editora;
- *Coletâneas Livro Aberto*, 2018, 2019, 2020 – Edição do Autor;
- *Antologia do 2º Concurso Literário Edições Vieira da Silva;*
- *Notebook Flores, verde e borboletas* – Pastelaria Stúdios Editora;
- *Coletânea Amantes da Poesia, vol. IV* – Modocromia
- *Antologia "Um Arco-Íris Poético"*- Pastelaria Stúdios Editora;
- *X Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho"*- Chiado Books;
- *Lugares e Palavras de Natal, 2018 e 2019*- Lugar da Palavra Editora;
- *Coletânea de Poesia "Poemas d´Alma"* – Edições "O Declamador";
- Antologia *"Delírios Poéticos"* – Edições O Declamador;
- Antologia "Natal em Palavras" Chiado Books, 2018 e 2019;
- Coletânea de Micronarrativas Ficcionais *"SMS"* Chiado Books;
- Antologia "Três quartos de um amor", 2018 e 2019 – Chiado Books;
- XI Antologia "Entre o Sono e o Sonho", 2019 – Chiado Books; e outras…

Foi convidada do programa **"Grandes Manhãs"** do Porto Canal, a 13 de fevereiro de 2017 e convidada do programa "Manhãs na TV" da Kuriakos TV, Loures, 2019.

Participou no 17 Campeonato Nacional de Poesia sob a orientação do escritor Pedro Chagas Freitas.

Foi premiada nas categorias Conto e Poema nos Jogos Florais Vale Varosa 2016 – Tarouca, 2º e 3º lugar, respetivamente. Esteve presente no mesmo concurso em 2019.

Apresentou em vários locais as obras da escritora/poetisa Celeste Almeida: "*As Nossas Raízes – O passado e o Presente*"; "*A Alma de um Povo"* e "*Silêncios de Espuma*". É de referir que este apoio e cumplicidade são recíprocos entre estas duas autoras, acima de tudo, grandes amigas.

Foi júri honorífico no *V Concurso Poesia de Abril* – 2018, organizado pela Junta de Freguesia de Pontinha e Famões, categoria Adultos e

categoria “PONFAS – Projeto educativo do ensino Básico” (inscrições das EB1/JI da Freguesia) e “GERAL”, pelo 44 aniversário das comemorações do 25 de abril, sendo convidada a estar presente no jantar comemorativo e na atribuição dos prémios aos vencedores, experiência de enorme reconhecimento pelas suas capacidades literárias que muito a honrou.

É membro do MCHER – *Movimento Cívico Castrense, História, Etnografia e Regionalismos.* Este Movimento visa o debate de ideias construtivas em prol do concelho de Castro Daire, colocando-as em prática: o levantamento etnográfico, a compreensão e defesa do território, seu património edificado – restauro e preservação, tal como a perceção e conhecimento da sua cultura e da sua história.

É membro da *Tertúlia Artes e Letras* de Lamego, se bem que nos últimos tempos tem andado um pouco arredada devido a alguns problemas de saúde.

Participou ativamente no *Encontro de Autores Regionais – Tarouca Vale a Pena*, que se realizou nos dias 25 e 26 de Maio, 2018.

Marcou presença no Encontro de Escritores Castrenses, na Casa do Concelho de Castro Daire, em Marvila, no dia 21 de outubro de 2018, onde

recebeu um diploma por reconhecido mérito no que respeita à cultura castrense.

…

Depois das atribulações pelas quais passou e que com a ajuda de todos venceu, e querendo ser um pouco mais participativa na vida das pessoas, decidiu que parte dos lucros da venda da obra *Rosas Brancas* reverteria para fins de beneficência (no caso, de uma jovem com paralisia cerebral do concelho de Castro Daire).

Também o evento de lançamento da obra ***"Utopias do Pensamento***, Vol. I e II teve um fim solidário. A autora foi abordada por alguém que lhe deu a conhecer a triste realidade de uma família de Folgosa, Castro Daire, que passava, no momento por uma situação delicada. Um filho adolescente (15 anos) com um tumor na cabeça, a ser tratado no hospital pediátrico de Coimbra e outro que necessitava de cuidados e de consultas periódicas no hospital de Viseu. Este casal tinha ainda uma filha pequena, de uns seis ou sete anos. E porque ninguém deve ficar indiferente a cenários tão complicados como este, o evento de lançamento da sua coletânea teve por tema **"Poesia Solidária"** e a receita da venda dos livros reverteu a favor desta família, na tentativa de ajudar a minimizar as angústias de quem não podia, no momento, trabalhar de forma a ganhar o próprio sustento, porque estes pais tiveram de deixar de trabalhar para poderem acompanhar os filhos às consultas e tratamentos e dar-lhes a presença, amor e carinho que eles tanto precisam. Bom será, que muitas pessoas abracem esta nobre causa. Lá diz a velha máxima… "*Mãos que não dais, por que esperais?*

Abordando temas como o Amor, a Amizade, a Morte, a Natureza, as Guerras, a Violência doméstica, as próprias Redes sociais, a Ruralidade, as Influências (boas e más), a Insatisfação e uma infinidade de outros temas, a autora pretende apenas partilhar um pouco do que lhe vai na alma e no coração, fazendo aquilo que realmente gosta e lhe dá prazer: escrever e com o fruto das suas publicações ajudar quem realmente precisa. Assim, com a certeza de que fez algo por alguém, de verdade.

Para além da escrita, Dulcí Ferreira tem também um projeto musical, em parceria com três jovens do concelho de Castro Daire: Francisco Beato – pianista/compositor, Joana Costa – músico/cantora e Miguel Loureiro – músico/cantor. Em construção um primeiro álbum com doze canções, quase finalizado, com letras de Dulcí Ferreira, composições de Francisco Beato e

as vozes de Joana Costa e Miguel Loureiro. O projeto tem por tema “SOLTA-ME DE MIM” e é muito diversificado.

Sem esperar nada em troca, a não ser o reconhecimento pelo seu esforço e boa vontade, Dulcí quer ajudar estes jovens a mostrar a outros as suas capacidades e talentos e, quiçá, lançá-los no mundo artístico de que tanto gostam.

Uma música oficial, Youtube – “Noite… um mar que possui”

https://www.youtube.com/watch?v=oB3RTmphGsk&feature=youtu.be&fbclid=IwAR2kXHC8pZ6p4vkvlSJvAdznpRdhq4VwAnsRQ1tdejLuks_QkLHbUVKMqTc